

**CADEIRA ESCOLAR: PROCESSO ARTÍSTICO E  
OBJETO DE MEMÓRIA**



**LUCAS PEREIRA ELIAS  
2023**

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

**LUCAS PEREIRA ELIAS**

**CADEIRA ESCOLAR: PROCESSO ARTÍSTICO E OBJETO DE MEMÓRIA**

**CRICIÚMA**

**2023**

**LUCAS PEREIRA ELIAS**

**CADEIRA ESCOLAR: PROCESSO ARTÍSTICO E OBJETO DE MEMÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado, no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Ma<sup>a</sup> Daniele Zacarão Pereira

**CRICIÚMA**

**2023**

**LUCAS PEREIRA ELIAS**

**CADEIRA ESCOLAR: PROCESSO ARTÍSTICO E OBJETO DE MEMÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos, Poéticas e Educação.

Criciúma, 23 de novembro de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Daniele Zacarão Pereira - Mestra - (UNESC) - Orientador

Prof.<sup>a</sup> Odete Angelina Calderan - Mestra - (UNESC)

Prof.<sup>a</sup> Anna Karoline de Moraes Silva – Mestra (UDESC)

Dedico a todos que me olharam com carinho e possibilitaram oportunidades que, sempre que possível, abracei com atenção.

## **AGRADECIMENTOS**

Essa monografia é o resultado da experiência de quatro anos de formação e transformação entre Artes Visuais e Licenciatura, a qual caminhou e se desenvolveu concomitantemente às minhas produções artísticas, as quais se desdobraram em novas séries de trabalhos que circulam por diversos espaços, dentro e fora do país. Agradeço à minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Daniele Zacarão pelas reflexões e orientações, fundamentais para a construção e desconstrução da escrita; aos meus pais, Renata e Jean, por sempre me apoiarem, mesmo diante das inseguranças de ser um artista em uma cidade pequena; à minha avó Zélia, inspiração de meus trabalhos e a meu irmão Jerian; aos amigos artistas de São Paulo por me receberem em seus ateliês; aos meus colegas de faculdade; à UNESCO, por possuir um programa de mobilidade acadêmica para Portugal, experiência que mudou por completo minha produção como artista.

“Que ninguém se engane, só consigo a simplicidade através de muito trabalho”

Clarice Lispector

## RESUMO

O presente trabalho se debruça sobre a temática da educação a partir do meu processo artístico. Parte das minhas memórias escolares, onde busco refletir sobre como minha vivência em escola pública influenciou minha produção artística. Assim, por meio de uma pesquisa bibliográfica com metodologia cartográfica, desenvolvo sobre a insegurança de ser um futuro professor e o contato com os textos de Paulo Freire como forma de relacionar criação artística e pedagogia. Costuro meu texto, no decorrer da pesquisa, com a autora Clarice Lispector, como forma de compreender meu processo artístico, refletindo, fundamentando e dialogando também com os textos de Cecilia Almeida Salles. Indo ao encontro do processo artístico, o conceito de memória é desenvolvido a partir de minhas vivências na escola pública em relação ao texto de Ecléa Bosi e o conceito de objeto se fundamenta a partir da professora e artista Helene Sacco. Progredindo para a história do mobiliário escolar, observo como foram expostas em vitrine nas Exposições Universais, ambiente que incitou a mercantilização da educação, dando complexidade à compreensão das obras artísticas com essa temática. Nesse sentido, a pesquisa ganha forma em seu desenvolvimento, demandando a criação de um inventário de obras de diversos artistas que abordem a cadeira escolar em sua produção, para compreender a influência da escola em outras pesquisas - obras essas utilizadas como material pedagógico no Projeto de Curso apresentado ao final da pesquisa.

**Palavras-chave:** Cadeira escolar, Processo artístico, Educação, Memória, Objeto.

## LISTA DE IMAGENS

Capa - “Esperançar”, aquarela sobre papel, 30x21 cm, 2023, Lucas Elias	
Imagem 01 - “Esperançar”, aquarela sobre papel, 30x21 cm, 2023, Lucas Elias.....	14
Imagem 02 - “Esperançar”, aquarela sobre papel, 30x21 cm, 2023, Lucas Elias.....	22
Imagem 03 - “Ofício N. 04”, aquarela sobre papel, 45x37 cm, 2022, Lucas Elias ...	23
Imagem 04 - “Meia-haste N. 04”, bordado sobre algodão cru, 100x80 cm, 2022, Lucas Elias.....	24
Imagem 05 - “Objetomundo”, acrílica sobre tela, 38x33 cm, 2023, Lucas Elias .....	25
Imagem 06 - “Meu tamanho no mundo”, aquarela sobre papel, 30x21 cm, 2023, Lucas Elias .....	26
Imagem 07 - “Haste”, aquarela sobre papel, 66x55 cm, 2023, Lucas Elias.....	26
Imagem 08 - “Altar”, serralheria e cadeira escolar, 120x46x46 cm, 2023, Lucas Elias .....	27
Imagem 09 - “Ensaio sobre a violência”, aquarela sobre papel, 45x37 cm, 2022, Lucas Elias.....	28
Imagem 10 - Chefe dos escribas Hesiré sentado .....	37
Imagem 11 - Cena de uma palestra ilustrada num vaso em cerâmica.....	38
Imagem 12 - Mesa-banco americano .....	39
Imagem 13 - Cadeira escola estadual .....	41
Imagem 14 - “O professor deverá ser o último a se retirar, mesmo nos dias de chuva”, Bruno Novaes .....	49
Imagem 15 - “Modelo vivo”, Bruno Novaes .....	49
Imagem 16 - “Contraturno”, Bruno Novaes .....	50
Imagem 17 - “Saída de emergência”, Andrea Hygino .....	50

Imagem 18 - “Saída de emergência”, Andrea Hygino .....	51
Imagem 19 - “It’s About Time”, Maarten Baas .....	51
Imagem 20 - Sem título, Alisson Damasceno .....	52
Imagem 21 - “Suspensão”, Júlio Vieira .....	52
Imagem 22 - “Navient”, Hugh Hayden .....	53
Imagem 23 - “Brier Patch”, Hugh Hayden .....	53
Imagem 24 - “Interdição Educação”, Luciano Zanette .....	54
Imagem 25 - “Napping”, Hongxi Li .....	54
Imagem 26 - “Cigarette Tits [Idealized Smokers Chest II]”, Sarah Lucas .....	55
Imagem 27 - “The Chair Affair”, Lucas Maassen e Margriet Craens .....	55
Imagem 28 - R = 0 (Homenagem aos secundaristas)”, Cinthia Marcelle .....	56
Imagem 29 - “Quando secundarista é sinônimo de heroína”, Marcela Cantuária ..	56
Imagem 30 - “Muebles de mala educación”, Humberto Junca .....	57
Imagem 31 - “Prótese”, Jefferson Medeiros .....	57
Imagem 32 - “Currículo Nacional Base”, Andrés Asturias .....	58
Imagem 33 - “Sala de aula”, Eduardo Srur .....	58
Imagem 34 - Sem título, Tom Friedman .....	59
Imagem 35 - “Nazareno 2”, Nazareno Rodrigues .....	59
Imagem 36 - “Geminis” (1994), Paulo Bruscky.....	60
Imagem 37 - “O descanso da sala”, José Spaniol .....	60
Imagem 38 - “No meu céu ainda brilham estrelas”, Flávio Cerqueira .....	61
Imagem 39 - “Work Chair”, Theaster Gates .....	61
Imagem 40 - Sem título, Philippe Soussan .....	62
Imagem 41 - “The examination”, Charles Ray .....	62
Imagem 42 - “The Lecture” (1946), Jacob Lawrence .....	63

Imagem 43 - “Who knows the answer?”	Bernie Fuchs	63
Imagem 44 - “The Scholar”	François Bonvin	64
Imagem 45 - “A Breton Infants School”	Jean-Baptiste Jules Trayer	64
Imagem 46 - “Classroom Portraits”	Julian Germain	65
Imagem 47 - “La salle de classe” (1994 - 2002)	Hicham Benhoud	65
Imagem 48 - “De acordo”	Nazareno Rodrigues	66
Imagem 49 - “Parla”	Cildo Meireles	66
Imagem 50 - “Da Escuta da Matéria aos Escombros do Ser”	Marcelo Armani	67
Imagem 51 - “Lot 522”	Doris Salcedo	67
Imagem 52 - “La légende des siècles”	René Magritte	68
Imagem 53 - “The Chair Affair”	Roeland Tweelinckx	68
Imagem 54 - “Holiday Unity”	Feni Chulumanco	69
Imagem 55 - “Student”	James Jean	69
Imagem 56 - “ENTRE AS BEIRAS DA ESCOLA IV”	Juliana Veloso	70
Imagem 57 - “Disinformation Supremacy Board” (1989)	Gary Simmons	70
Imagem 58 - “Origem”	Renato Gosling	71
Imagem 59 - “Auditório para questões delicadas”	Guto Lacaz	71
Contracapa – Lista de objetos que aparecem no trabalho.		

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEBRACE	Centro Brasileiro de Construções e Equipamentos Escolares
E.E.B.	Escola de Educação Básica
FBAUP	Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
IFC	Instituto Federal Catarinense
MASP	Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
MEC	Ministério da Educação
RJ	Rio de Janeiro
SC	Santa Catarina
SP	São Paulo
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO OU UM PÉ DE FEIJÃO NASCENDO DE UM ALGODÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 PROCESSO ARTÍSTICO OU UMA SIMPLICIDADE SINCERA</b>	<b>19</b>
<b>3 HISTÓRIA DA CADEIRA ESCOLAR OU A MERCANTILIZAÇÃO</b>	<b>36</b>
<b>4 INVENTÁRIO DE CADEIRA ESCOLAR OU ME LEMBREI DE VOCÊ</b>	<b>44</b>
<b>5 PROJETO DE CURSO OU QUAL A SUA CADEIRA ESCOLAR?</b>	<b>72</b>
<b>6 CONCLUSÃO OU MORRERIA SIMBOLICAMENTE</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIA OU A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER</b>	<b>82</b>



## **INTRODUÇÃO OU UM PÉ DE FEIJÃO NASCENDO DE UM ALGODÃO**

Sim. Começo a presente pesquisa com uma afirmação em referência a Clarice Lispector, situando o leitor sobre o lugar de onde partem minhas memórias. Partem de um jovem de 22 anos com muitas incertezas, de meu corpo de 1,85 m que é meu tamanho no mundo, em referência à obra de Ferreira Gullar. Meus pais se conheceram quando ele, Jean, trabalhava de carteiro nos Correios, entregando cartas na casa dela, que futuramente seriam, ou já eram, meu pai e mãe. Minha mãe, Renata, mora dentro da minha avó, Zélia, que mora dentro da minha bisavó, Helena. Em referência à obra de Mia Couto, eu moro dentro das três.

Essa história começa em Araranguá, de onde tenho apenas lembranças da Escola Básica Municipal Jardim das Avenidas onde estudava. Lembro-me das cadeiras escolares, da ponteira que faltava ao pé da cadeira, fazendo-a balançar. Mudei aos sete anos para Sombrio, de onde também tenho as primeiras memórias na Escola de Educação Básica Normélio Cunha, das cadeiras velhas com escritos de corretivo branco. Posteriormente, ingressei no curso de Técnico em Informática no IFC - Campus Avançado Sombrio, onde fui bolsista de um Cineclube nos três anos de meu Ensino Médio.

Já no Ensino Superior, ingressei no curso Artes Visuais - Licenciatura na UNESC, ideia que era rejeitada por não me ver no papel de professor, pois gostava da produção artística e da ideia de ser artista, mesmo sem saber o que isso significava ao certo. Em minha cabeça, amparado pela falta de experiência, pareciam ser ideias

polarizadas, antagônicas, sem relação ou possível convivência. Contudo, no decorrer do curso, tive contato com um texto de Paulo Freire sobre seu relato testemunhal do processo de alfabetização, chamado “A importância do ato de ler” (1977). Nesse momento comecei a compreender e relacionar o processo de ensino-aprendizagem com o processo artístico de minhas produções, surgindo o tema das cadeiras escolares. De acordo com suas memórias, o autor buscava:

[...] a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia - e até onde não sou traído pela memória -, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e revivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós (Freire, 1989, p. 09).

Freire utiliza o ato de ler como ferramenta para resgate de suas memórias, buscando o fio narrativo sobre seu processo de alfabetização, no qual re-cria e revive determinadas experiências. O conceito de memória será tratado adiante na presente pesquisa. Nesse mesmo texto, Freire desenvolve o conceito de “Palavramundo”, neologismo para nomear os primeiros contatos do sujeito, em um processo de ler o mundo em suas múltiplas dimensões. Esse conceito precede a leitura da palavra, se constituindo como uma experiência existencial, relacionando o ato de ler com o ato de viver. Poderia pensar então, em um possível desdobramento dessa ideia, chamado-a de “Objetomundo”. Esse objeto, em minha memória, poderia ser representado pela cadeira escolar, quase como uma lembrança primária da minha cidade natal, de uma alfabetização pela imagem. O texto de Freire acaba perpassado pela descrição de diversos objetos e criaturas no ato de “ler” o mundo: bem-te-vi, a velha casa, o sanhaçu, o olha-pro-caminho-quem-vem, as rosas, jasmim, casca dos frutos, manga-espada, gatos, cachorro negro, galinhas, lampiões, quadro-neqro, gravetos, giz.



Imagem 01 - “Esperançar”, aquarela sobre papel, 30x21 cm, 2023, Lucas Elias.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse sentido, me transporto diretamente para a sala de aula que estudei e da qual tenho minhas primeiras memórias, representadas na obra da imagem 01, uma das primeiras aquarelas da série “Esperançar”, retratando um pé de feijão nascendo de um algodão sobre a cadeira escolar. A ação de “re-ler” minhas memórias da escola transformaram minha visão em relação a licenciatura, pois comecei a refletir sobre possibilidades, conexões e possíveis deslocamentos que ambos os temas possuem. Esse ato, passível de diversas relações com o processo artístico, indica “Escolher um

assunto, elaborar um discurso, inventar um método, projetar um plano, aceitar o imprevisível e tornar pública toda essa elaboração são ações intuitivas que estão no mesmo campo de experimentação” (Rocha, 2016, p. 99), atribuindo assim significado e criando valor e potência ao curso de Licenciatura em Artes Visuais. O campo da educação pode ser compreendido como um espaço de práticas de criação:

O educador deve ser um inventor e um reinventor constante desses meios e desses caminhos com os quais facilite mais e mais a problematização do objeto a ser desvelado e finalmente apreendido pelos educandos (Freire, 1989, p. 17)

Dessa forma, o presente trabalho se debruça sobre a temática da educação a partir do meu processo artístico, como artista e futuro professor. Parte das minhas memórias escolares, buscando refletir sobre a experiência na instituição e de que modo o ambiente influenciou minha produção atual, especificamente a série de obras que representam o mobiliário escolar, tentando responder a questão problema: **de que forma o ambiente da escola pública influenciou meu processo artístico?** Ademais, a pesquisa busca relatar sobre a trajetória de um jovem artista em processo de formação; pesquisar sobre a relação entre os objetos e o conceito de memória; apresentar meu processo artístico por meio das minhas produções; situar historicamente o mobiliário acadêmico a partir das Exposições Universais e posteriormente, pesquisar e relacionar diferentes obras artísticas por meio de um inventário.

Partindo dessas questões, busco a resposta no começo, no meio e no fim - ou seja, na memória, no processo artístico e na produção artística - situados como uma pesquisa bibliográfica, na linha de “Processos, poéticas e educação”. Sigo embasado em questões do campo da educação voltada à criação, investigação, os elementos e processos de criação poética e reflexão do curso de Artes Visuais.

Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, que apesar de uma ampla abrangência, é baseada em diversas perspectivas teóricas e epistemológicas. A

pesquisa qualitativa, segundo Esteban (2010, p. 127), é “uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos, à tomada de decisões”. A pesquisa se dará em artigos, livros, documentos históricos, catálogos de exposições e sites de artistas, que abordem as questões teóricas e poéticas. O inventário se deu principalmente por meio de redes sociais como o *Instagram*. Assim, entendendo a obra como um processo de formação de significados, questão que compreendo na prática, pois muitas vezes a obra segue caminhos que não são conscientes, “O trabalho fala”, como diz minha professora Odete Calderan, do Ateliê de Cerâmica. Desdobra-se em novas ideias que surgem a partir de relações com trabalhos de outros artistas, formas diversas de pensar a materialidade, a expografia que também faz parte da obra, a relação entre as próprias obras que, juntas, formam uma linha narrativa, quase como uma história imagética.

Dessa forma, a metodologia é traduzida por meio da “capacidade do pesquisador em acompanhar o processo de mostrar-se do objeto investigado no contexto que o sustenta e lhe dá (no sentido de produzir) significado.” (Souza; Franciscos, 2016, p. 813). Possibilita, assim, diversos caminhos que se deslocam em latitudes e longitudes diferentes, mas que buscam a mesma direção, possuindo uma metodologia flexível que ganha forma com o decorrer do trabalho, tratando sobre uma dada realidade e não sobre um objeto de estudo hegemônico, unívoco. Em relação, a pesquisa vai ao encontro do conceito de Cartografia, palavra que nos transporta aos antigos mapas que possuíam uma função política de organizar os interesses expansionistas dos reinos da época das grandes navegações.

Não existe a intenção de confirmar e/ ou comprovar hipóteses previamente construídas, e, por isso, a pesquisa é indutiva e ganha forma ao longo do recolhimento das informações e análise das mesmas. Durante a condução da pesquisa, o diálogo entre pesquisador e sujeitos é sempre uma constante e tem o objetivo de desvendar os sentidos que atribuímos à nossas ações, interações e formas de compreensão. (Tourinho; Costa. 2012, p. 209).

Partindo de dados particulares da experiência guiada pela sensibilidade, podemos relacionar com a cartografia dos mapas, surgindo como referência a obra da artista Adriana Varejão, que utiliza a representação cartográfica em suas obras, como no trabalho “Lopo Homem II” que, a partir de paródias, dá novo significado a obras por meio de um teor crítico, irônico e satírico. A obra trata sobre um contexto em que se supõe uma fronteira porosa entre o místico e o real, onde os navegantes se deparavam diariamente com o medo do desconhecido.

A grande utopia sempre foi chegar ao controle perfeito na projeção gráfica; o realismo na representação, de modo que um bom mapa desse conta de tudo aquilo que não se conseguisse ver com os olhos. Por isso, mapas sempre se comportaram como documentos ideológicos, uma vez que corresponderam não só aos desenhos, mas também às projeções políticas das nações que os encomendavam. (Schwarcz; Varejão. 2014, p. 308)

No processo do trabalho, a cartografia se coloca em uma posição de flexibilidade para ser possível o surgimento de novos elementos que agreguem a pesquisa, sendo relevante para o entendimento do contexto. O trabalho se forma e deforma no processo de caminhar da pesquisa, porém, sem perder de vista os objetivos e o foco principal. Tal qual os navegantes que não sabiam exatamente seu destino de chegada, mas que apontavam suas embarcações em uma direção específica, de forma indutiva.

Nesse sentido, o trabalho aponta na direção de pesquisar relações pedagógicas e artísticas, dividido em seis capítulos e o referencial. Cada capítulo é denominado de acordo com as normas acadêmicas, mas é acrescentado o conectivo “ou” seguido de uma frase presente ao longo do texto. Funciona como um recurso narrativo para dar o tom de determinado capítulo, como “um pé de feijão nascendo de um algodão”, desta introdução, sendo o começo da pesquisa, a germinação do texto e uma das minhas primeiras aquarelas com a temática do mobiliário acadêmico.

Ou “uma simplicidade sincera” no capítulo sobre processo artístico, algo que entende minha produção artística por conta de retratar objetos rotineiros, simples. Ou “a mercantilização”, no capítulo sobre a história da cadeira escolar, que já informa o leitor da problemática dessa relação histórica entre mobiliário e comércio, mergulhada em interesses capitalistas. Ou “me lembrei de você”, no capítulo sobre o inventário, em que amigos me mandam obras de outros artistas seguido dessa mesma frase. Ou “modelo vivo”, no capítulo do projeto de aula, em referência a dinâmica proposta a partir da obra do artista e professor Bruno Novaes. Ou “morreria simbolicamente”, no capítulo das considerações finais, em referência a Clarice Lispector, que também dá a entonação do último capítulo, envolto na sobriedade de entender minha produção como uma necessidade. E por fim, “a importância do ato de ler” na parte do referencial bibliográfico, em referência a Paulo Freire que é citado no primeiro capítulo, voltando ao pé de feijão, a cadeira de escola pública, ao início da pesquisa como forma de aprofundar reflexões sobre o tema. Assim, os anseios e potências da pedagogia surgem retratados em meu processo artístico, resultando nas minhas produções e na presente pesquisa.



## PROCESSO ARTÍSTICO OU UMA SIMPLICIDADE SINCERA

Toda criança desenha. Frase que surge em minha cabeça ao pensar sobre meu processo artístico, baseado na lembrança de ser uma criança muito tímida, que desenhava diariamente e criava diversas histórias e contos, como uma forma de abrigo em meu ainda pequeno mundo. A arte, mesmo sendo algo primordial sem uma intenção artística, sempre foi algo simples para mim, corriqueiro, que fazia diariamente, uma necessidade. A arte com uma visão conceitual e comercial surge apenas depois, quando comecei a aceitar encomendas de retratos em aquarela ainda no Ensino Médio.

Nesse sentido, tive contato recentemente com entrevistas de Clarice Lispector que me espantaram e fizeram refletir de forma sincera sobre meu processo artístico. Apesar de não gostar de entrevistas, tal qual a feita pelo escritor e jornalista José Castello, que em determinado momento a questiona, “Por que você escreve?”, Clarice então, com o rosto franzido em desagrado, responde: “Vou lhe responder com outra pergunta: Por que você bebe água?” (Lispector, 2005, p. 104). Contra-argumentando o jornalista de forma firme, a autora vê sua produção como uma necessidade quase fisiológica e não uma escolha racional, algo que me toca profundamente por partilhar da mesma compreensão.

Em entrevista com Afonso Romano de Sant'anna, Marina Colasanti e João Salgueiro gravada em 1976, para o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, sobre seu processo criativo afirma:

[...] tive que descobrir meu método sozinha. Não tinha conhecidos escritores, não tinha nada. Por exemplo, de tarde no trabalho ou na faculdade, me ocorriam ideias e eu dizia: “Tá bem, amanhã de manhã eu escrevo.” Sem perceber ainda que, em mim, fundo e forma são uma coisa só. Já vem a frase feita. E assim, enquanto eu deixava “para amanhã”, continuava o desespero toda manhã diante do papel em branco. E a ideia? Não tinha mais. Então, eu resolvi tomar nota de tudo o que me ocorria. E contei ao Lúcio Cardoso, que então eu conheci, que eu estava com um montão de notas assim, separadas, para um romance. Ele disse: “Depois faz sentido, uma está ligada a outra.” Aí eu fiz. Estas folhas “soltas” deram Perto do coração selvagem. (Lispector, 2005, p. 109-110).

Em seu processo artístico, a escritora produzia seus livros através de notas, as frases vinham prontas e depois de ter notas suficientes, as juntava em um corpo de texto. O processo de “tomar notas”, anotar as ideias ao longo do dia, como a escritora, funciona, pois a obra não é algo divino, fruto apenas de uma iluminação criativa, como um jato de produção irretocável, mas sim, uma pesquisa e prática contínua. Em meu processo, vou anotando as ideias. Normalmente são descrições de objetos ou relação entre os mesmos, que descrevo em folhas soltas e atualmente estou organizando em cadernos para não se perderem - registros que ficam à espera de uma futura tradução. Dessa forma, as linguagens e materialidades diversas como forma de armazenar informações são meios, “[...] que atuam como auxiliares no percurso de concretização da obra e que nutrem o artista e a obra em criação” (Salles, 2007, p. 128), registrando o mundo a minha volta e dentro de mim, por meio de uma seleção, uma transformação e ressignificação de ideias ao meu redor, de uma captação de informações e conhecimentos, com o objetivo de desenvolvê-las visando uma possível produção artística. Sobre a liberdade na produção:

Limites internos ou externos à obra oferecem resistência à liberdade do artista. No entanto, essas limitações revelam-se, muitas vezes, como propulsoras da criação. O artista é incitado a vencer os limites estabelecidos por ele mesmo ou por fatores externos, como data de entrega, orçamento ou delimitação de espaço. (Salles, 2007, p. 69)

Nesse sentido, sistematizar as obras ajuda a evitar bloqueios criativos, sendo a liberdade total, além de uma ficção, um vazio cruel para o artista. A liberdade é tanto a escolha efetivamente feita, como admitir as escolhas que deixaram de ser feitas ou que não se pode fazer. Assim, a folha em branco já não existe, pois incluem-se no processo as anotações, as obras já prontas, as séries já produzidas, as referências de outros artistas, as vivências, as memórias, a cadeira escolar. Por outra perspectiva, o artista também não deve se enxergar com a cobrança de ser uma fábrica, baseado em uma lógica capitalista de consumo em massa, de produção extensiva, pois o ócio criativo faz parte fundamental do processo artístico.

Sobre as listas, desdobram-se em mapas, no qual escrevo a temática de cada série, o objeto, contextualizo a ideia e descrevo alguns detalhes que pensei. Observar essas possibilidades registradas na fisicalidade do papel facilita pensar em possíveis desdobramentos para a produção, evitando longos bloqueios criativos. Um exemplo dessa ideia de lista de palavras seria; “Educação” - Cadeira escolar - (Patriotismo) - Bandeira do Brasil - (Preso nos quatro pés da cadeira).



Imagem 02 - “Esperançar”, aquarela sobre papel, 30x21 cm, 2023, Lucas Elias.  
Fonte: Arquivo pessoal.

A aquarela da imagem 02 reflete sobre a ideia da educação fisicamente sobre um conceito vazio de patriotismo representado pela bandeira nacional, obra que participou da exposição “Algumas histórias sobre nós”, curadoria de Marcus Lontra e Rafael Peixoto na Danielian Galeria - Rio de Janeiro (2022). Ou ainda outro exemplo:

“Educação” - Cadeira escolar - (Portugal e colonialismo) - Azulejo português - Concha do mar (Recolhida na praia onde mora minha avó).



Imagem 03 - “Ofício N. 04”, aquarela sobre papel, 45x37 cm, 2022, Lucas Elias.  
Fonte: Arquivo pessoal.

A obra da imagem acima (imagem 03) surgiu após minha experiência no intercâmbio em Belas Artes na FBAUP, em Portugal, refletindo sobre a ideia de colonialismo e educação, produção essa exposta na “Mostra de Arte da Juventude” com curadoria de Luciara Ribeiro e André Pitol no SESC Ribeirão Preto com

itinerância no SESC Consolação - São Paulo (2022). Um exemplo de materialidade diferente seria uma obra em bordado: “Educação” - Cadeira escolar - (bordado sobre algodão cru) - Mapa América Latina - (contorno vermelho sobre a cadeira).



Imagem 04 - “Meia-haste N. 04”, bordado sobre algodão cru, 100x80 cm, 2022, Lucas Elías. Fonte: Arquivo pessoal.

A obra da imagem 04, acima, é um desdobramento da série de cadeiras escolares, pensada em outra materialidade e refletindo sobre as questões educacionais da América Latina. Esse trabalho foi exposto no “Prêmio Aliança

Francesca de Arte Contemporânea”, com curadoria de Anna Moraes - Santa Catarina (2022).

Além das listas, as obras surgem de ideias que se materializam diretamente em desenhos, por meio de rabiscos pequenos ou no rascunho já pronto. A seguir, algumas das minhas outras produções com a temática das cadeiras escolares em diferentes materialidades: tinta acrílica sobre tela, aquarela e prego sobre papel, aquarela sobre papel, serralheria e cadeira escolar, duas aquarelas sobre papel e caneta esferográfica preta sobre papel, respectivamente.



Imagem 05 - “Objetomundo”, acrílica sobre tela, 38x33 cm, 2023, Lucas Elias.  
Fonte: Arquivo pessoal.

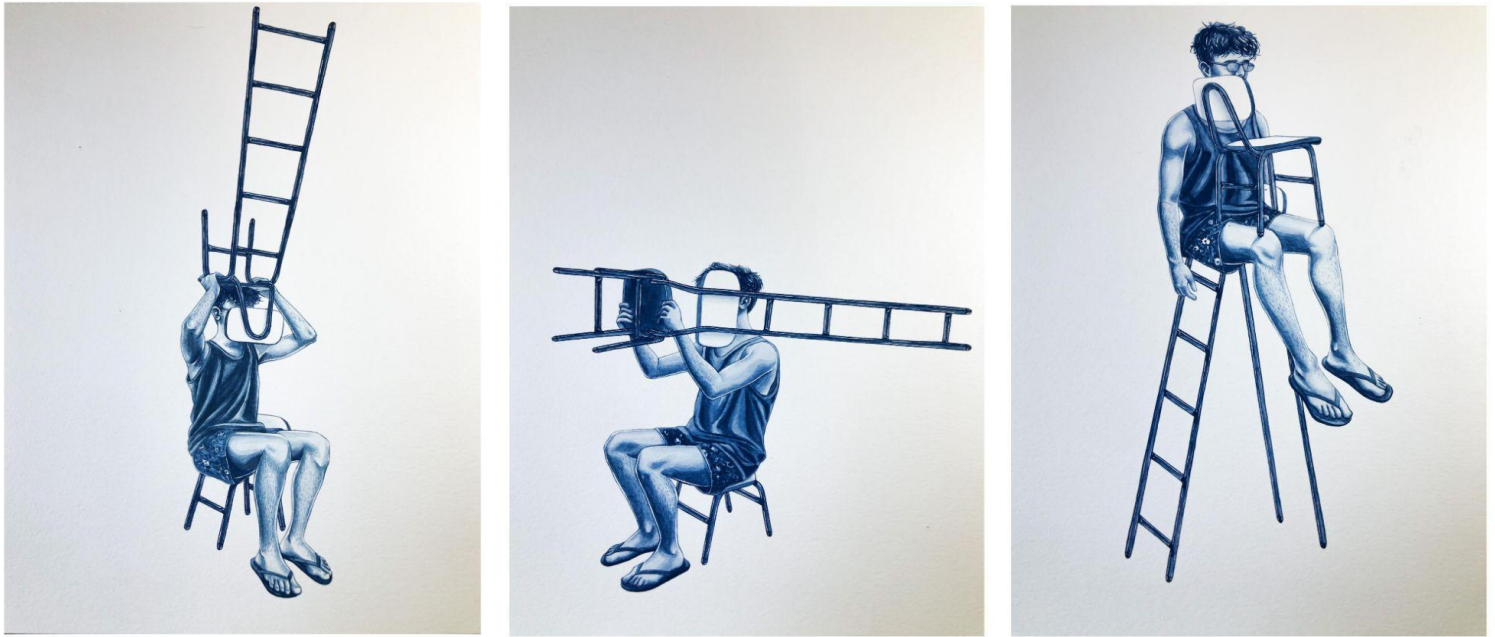


Imagem 06 - "Meu tamanho no mundo", aquarela sobre papel, 30x21 cm, 2023, Lucas Elias. Fonte: Arquivo pessoal.



Imagem 07 - "Haste", aquarela sobre papel, 66x55 cm, 2023, Lucas Elias. Fonte: Arquivo pessoal.



Imagem 08 - "Altar", serralheria e cadeira escolar, 120x46x46 cm, 2023, Lucas Elias.  
Fonte: Arquivo pessoal.



Imagem 09 - “Ensaio sobre a violência”, aquarela sobre papel, 45x37 cm, 2022, Lucas Elias. Fonte: Arquivo pessoal.

Meu processo artístico parte das minhas vivências, do contexto em que vivo, das minhas lembranças da escola, da minha sexualidade, das histórias de minha família, de pesquisas sobre preservação ambiental e docência. Nasci em uma cidade pequena, perto da fronteira com o Rio Grande do Sul, e sem acesso a museus, os quais frequentemente se localizam em capitais, de modo que minhas inspirações sempre foram outras. Meus trabalhos partem de uma humildade sincera, algo que também observo no poema “Aprendo com abelhas” de Manoel de Barros:

Aprendo mais com abelhas do que com aeroplanos.  
É um olhar para baixo que eu nasci tendo.  
É um olhar para o ser menor, para o  
Insignificante que eu me criei tendo.  
O ser que na sociedade é chutado como uma  
barata – cresce de importância para o meu olho.  
[...] Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão –  
Antes que das coisas celestiais.  
Pessoas pertencidas de abandono me comovem:  
tanto quanto as soberbas coisas ínfimas.  
(Barros, 2002, p. 27)

O poema evoca essa ideia de uma humildade sincera, a valorização do pequeno, desses objetos cotidianos que passam por nossos olhos de forma ligeira, fugidia. É essa a aprendizagem em arte, e não sobre arte, que tive em minha infância, trazendo um repertório específico, no qual fui desenvolvendo uma obra figurativa com representação naturalista envolta em traços de surrealismo, no sentido de propor cenas que partem de objetos reais, mas que estão em composições muitas vezes oníricas ou ficcionais.

Minhas produções possuem uma rima com a colagem, de uma edição de certa forma arcaica, no qual, a partir das palavras citadas acima, vou produzindo pequenos desenhos em uma folha A5. Começo a composição no centro da folha com algum objeto e vou acrescentando, editando, para não faltar área em branco da folha nas laterais ao longo da concretização da imagem idealizada. Sigo tentando composições diversas até chegar a algum resultado que indique alguma potência. Dessa forma, a produção “[...] dos rascunhos, esboços e ensaios está diretamente ligada à materialização da obra, ou seja, à formalização do conteúdo. O desenvolvimento da obra vai se dando na contínua metamorfose, no surgimento de formas novas.” (Salles, 2007, p. 78). Quando a ideia se estabelece, a partir desses formatos menores, expando para desenhos no tamanho da obra final, sendo o rascunho A4 para uma obra A4, A3 para uma obra A3 e assim sucessivamente. A relação entre o rascunho e a obra final, tem que ser do mesmo tamanho, pois passo para a folha de aquarela,

como na imagem 03, ou para o tecido, como na imagem 04, com a técnica de rasurar o verso do rascunho com um grafite, funcionando como um papel-carbono. Sobre o ato criador:

[...] contínuo processo de formalização a matéria-prima, com um determinado significado e de uma determinada maneira, no âmbito de um projeto estético e ético. Uma ação sensível e intelectual. Um processo que tende para a concretização desse grande projeto do artista e cujo produto é permanentemente experienciado e avaliado pelo artista e, um dia, por outros receptores. (Salles, 2007, p. 91).

Caracterizam-se como transformação da matéria em obra por meio de uma relação sensível e intelectual do artista para com o processo, que se desenvolvem em um ambiente de prazeres e desprazeres, resistências e flexibilidades. A resultante desse ato em meu processo artístico não é algo previsível, apesar de o autor citar a “concretização desse grande projeto do artista” e da minha produção de um rascunho para as obras, o resultado em si - a forma, o traço, as cores, a relação entre os objetos, a técnica e o conceito - só funcionam (ou não) quando materializados no mundo, avaliado por mim e por outros colegas posteriormente.

Assim, é necessário um recorte em minha produção, sendo que vou me ater ao exemplo das obras em aquarela sobre papel, pois foi onde iniciei minha pesquisa artística e o processo das demais produções varia a depender do material. Começo por colocar o rascunho já pronto com o verso de grafite sobre o papel de maior gramatura e desenho novamente sobre o rascunho, transferindo-o para o suporte final. Essa técnica me ocorreu considerando a delicadeza do papel adequado para aquarelas e sua sensibilidade à borracha. Qualquer erro cometido a grafite e que precisasse ser consertado pela borracha poderia desgastar a folha, mudando a textura de um pedaço de sua superfície e causando uma deformidade na aquarela, além do fato de que o atrito com o pincel pode aumentar essa zona de desgaste na folha. Com a folha já demarcada com o desenho, fica transferida uma anotação em

grafite e um leve declive por onde foi traçado o lápis, mas com a aquarela por cima esses aspectos se incorporam à obra.

No mapa de minha mesa, a folha de aquarela fica ao centro, do lado direito coloco meu godê maior já com a aquarela nas cavidades, utilizo bisnagas apenas das cores primárias, somadas à cor preta ou branca. Isso surgiu, no início, em função da questão econômica, mas se tornou um gosto de produzir cada tonalidade de cor que utilizo. A matéria-prima surge como limitadora e passível de diversas possibilidades, ao mesmo tempo impedindo e permitindo a expressão artística, em uma dinâmica de ação e reação. (Salles, 2007, p. 76). Acima, na lateral direita do godê maior, coloco a vasilha com água sobre um pedaço de folha de papel para aquarela para fazer o teste de tonalidades. Na minha frente o godê menor para as demais misturas, a frente meu notebook ligado com fotos de referência e, naturalmente, Maria Bethânia tocando ao fundo. Na lateral direita fica o guardanapo de papel maior para limpar o pincel e um menor sempre limpo - em caso de algum respingo na folha, ele deve estar seco para rapidamente limpar a área. É nesse ambiente que o trabalho surge, germina.

No recorte situado anteriormente, a produção em aquarelas sobre papel se constitui do contato do pigmento sobre uma superfície bidimensional, com variações de comprimento e largura. Utilizo a ilusão da perspectiva para representar os objetos retratados, sendo uma ilusão de algo tridimensional representado na superfície plana da folha de papel. Não utilizo da técnica com a intenção simples da contemplação de um espaço em profundidade, mas sim, da identificação desses objetos figurativos pelo espectador. Reconheço que esse contínuo processo de estudo e prática gerou em meu trabalho vícios de pintura, mas me auxiliou a criar simultaneamente um estilo próprio.

Além disso, a força matriz e motriz de minha pesquisa é a memória. Da lembrança ao processo artístico, é a memória que constrói e reconstrói toda obra,

modificando as produções, formando e deformando, a partir de ideias do presente.

Sobre a ideia de memória:

A memória é também uma estátua de argila. O vento passa e leva-lhe, pouco a pouco, partículas, grãos, cristais. A chuva amolece as feições, faz descair os membros, reduz o pescoço. Em cada minuto, o que era deixou de ser, e da estátua não restaria mais do que um vulto informe, uma pasta primária, se também em cada minuto não fôssemos restaurando, de memória, a memória. A estátua vai manter-se de pé, não é a mesma, mas não é outra, como o ser vivo é, em cada momento, outro e o mesmo. (Saramago, 1998, p.32)

A cadeira escolar, então, se torna uma estátua de argila, em ruínas, esmorecendo, mas resgatada frequentemente em minha memória. O escritor português reflete sobre a ficção da memória, de que ao mesmo tempo possui a mesma matéria, mas sem ser definitivamente a mesma, aquilo que já não é mais e, ao mesmo tempo, ainda não se tornou algo outro, sendo um resgate possível, uma forma de criação e também um processo artístico.

Todavia, apesar da individualidade, a memória se escora em bases sociais, coletivas, sendo esse fator que ampara o jeito de agir da sociedade, de sentir, pensar, fator exterior ao indivíduo, mas que se impõe a ele. Depende, assim, por exemplo, da relação do sujeito com sua família, de sua classe social, com o ambiente escolar que frequentou, inclusive com a cadeira de escola pública que tenha utilizado. Nesse sentido, a lembrança não é reviver o ocorrido, mas sim, refazer, reconstruir e repensar, a partir de ideias de hoje, as experiências ocorridas no passado. A memória não é um sonho, mas sim, lugar de trabalho, devendo-se duvidar sempre da sobrevivência do passado, da memória “tal como foi”, que se daria na inconsciência de cada sujeito, pessoa. (Halbwachs apud Bosi, 2007, p.55).

Portanto, a memória é uma imagem construída agora, a partir das nossas experiências do presente, de nossa consciência atual. Por mais real que a lembrança seja ou que pareça ser, ela não é a mesma da época ocorrida. Não somos mais os

mesmos e nossa percepção sobre as coisas se alteram com o acréscimo de novas experiências, de novos juízos de realidade e de valores. “O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.” (Bosi, 2007, p.55). O ponto de vista da escola que tenho em minha memória não é a minha escola “tal como foi”, mas a reconstrução, o repensar a partir das bagagens que tenho hoje com minhas novas vivências sobre o colégio, sobre a cadeira escolar, criando novas imagens e utilizando-as para pensar em desdobramentos conceituais e estéticos. Sinto que a memória, em mim, caminha pelas bordas, pois sempre que me lembro de algo, esse acontecimento ou era muito positivo ou negativo. Porém, se pudesse revivê-lo, sentir novamente aquele acontecido, não seria nenhum dos dois extremos, seria possivelmente um sentimento mais ao centro, sem a euforia do lembrar, sem a ficção da memória.

A imagem criada por meio da memória abriga diversos objetos, brinquedos da infância, móveis da casa, as paredes da sala de artes, a cadeira escolar. “[...] Em cada objeto, a evidência de um sujeito, uma vida. Nessa relação dialética entre ausência e presença, nossa memória se instala como ponte, preenchendo as brechas, lacunas”, (Sacco, 2014, p. 143-144). Há uma relação direta entre a memória e os objetos, no qual cada objeto é fabricado com uma utilidade, uma intenção, acrescentando-se a ele as vivências de quem o utilizou, os momentos que ocorreram sob a presença desse objeto, ou por meio dele. Sobre os objetos no meio artístico:

[...] a modificação física e textual de um simples objeto, tivesse a capacidade de fundar no mundo um espaço para as exceções, acasos ou improbabilidades. Ressalto, nessa operação com o objeto, o quanto este possui um devir humano, comprovando que todo objeto possui em si uma capacidade, uma potência infinita, mas também seu avesso, o esgotamento e o fracasso, assim como cada um de nós. (Sacco, 2014, p. 108)

Na reflexão sobre sua produção, a autora aprofunda a ideia sobre o objeto, sobre possíveis operações de modificação e o desdobramento de reflexões,

descolando sua função primordial de coisa, de objeto, para um espaço de “exceções, acasos ou improbabilidades” na pesquisa artística. A ideia de objeto chega ao ponto de um vir a ser humano, podendo ser infinito em suas possibilidades e reflexões, mas também um fracasso sobre sua função primordial, possibilitando correlação para com a sociedade.

Quando presente em uma obra de arte, apesar da individualidade da vivência de cada sujeito com determinados objetos, a memória é mergulhada nas vivências sociais e coletivas como desenvolvido anteriormente no trabalho. Podendo assim, estimular uma reflexão coletiva, no sentido de ser um gatilho de memória para os sujeitos que observam a obra, que entram em contato, que se relacionam com determinado Objetomundo. A obra que parte de objetos possibilita um espaço de partilha de vivências que foram produzidas com a memória e despertadas pela obra. Como, por exemplo, a imagem de uma cadeira escolar, sendo a educação algo quase universalizado em nosso país, todos possuem memórias a partir desse objeto.

A visão para com os objetos está impregnada pelo meio social, sendo objetos de lugares públicos como bancos em praças, lixeiras nas ruas, a natureza em parques, as cadeiras das escolas, como “não sendo de ninguém”, podendo assim, serem descuidadas e depredadas. Mas a ideia de bem público vai ao oposto dessa visão, pois pertence a toda a população e deve ser de cuidado coletivo. Essa ideia está em minha pesquisa por meio das reflexões sobre a cadeira escolar como um bem público, relacionando-a com diversos objetos privados de dentro de casa, de nossos pais, avós. Com a intenção de tornar porosa essa fronteira entre público e privado, relacionando-os e, com isso, dando valor, sendo ambos objetos públicos e privados parte de nossa história, de nossas memórias e dignos do mesmo cuidado e preservação.

Sobre a resultante do processo artístico, regresso a Clarice Lispector, que foi questionada quanto ao seu período de crise, “[.] você não queria escrever. Você tinha acabado o livro anterior a esta novela que está escrevendo agora. Inclusive você dizia que a tua libertação seria poder não escrever”, e então Clarice responde, “É claro!... Escrever é um fardo!” (Lispector, 2015, p. 129). Dessa forma, a escritora externaliza a dedicação de suas horas, dias, semanas, meses, anos de sua vida a sua produção, sendo a arte algo muitas vezes cruel com seu criador.

Sinto como se a pintura fosse um processo de resolução de seguidos problemas, talvez infinitos, que cabe ao artista saber o momento de escolher o erro final a consertar. O processo de pintura, talvez, seria como uma meditação para fora, um foco total não no corpo, na consciência corporal, mas sim, no papel, a folha se transformando em uma extensão minha, ela se torna eu mesmo. Simultaneamente, com a obra pronta, ao se distanciar e observar, como toda identidade vista de fora, se torna algo estranho a mim, no sentido de não ser mais eu.



## HISTÓRIA DA CADEIRA ESCOLAR OU A MERCANTILIZAÇÃO

Das memórias de minha escola, recordo dos portões verdes de ferro, da passarela coberta, do ginásio ao lado fechando o pátio, das palmeiras e a grama ainda por crescer e preencher o terreno do então colégio novo. Da enorme rampa que surgia em meio a um vão entre os andares com o telhado branco de acrílico que transpassava claridade e fazia enorme barulho com a chuva. Dos corredores onde podíamos ver os pequenos vidros verticais nas portas verdes de madeira das salas, da sala de artes com grandes janelas e paredes enfeitadas, das cadeiras escolares.

O mobiliário acadêmico está presente na memória social coletiva, possuindo assim, uma relação simbólica de afeto e política com esse Objetomundo. Sobre a criação desses mobiliários, a partir do momento que o homem deixou de ser nômade e começou a desenvolver uma habitação fixa, fato esse diretamente relacionado com o avanço da história política, artística, social e, com isso, a elaboração dos mobiliários:

Ao longo da linha do tempo, os móveis foram evoluindo conforme ocorriam mudanças nas necessidades humanas, na capacidade tecnológica e na sensibilidade estética. Deste modo, a caracterização dos móveis varia muito conforme as civilizações e a época observada. Assim, é possível realizar uma divisão histórica dos móveis por períodos, ou estilos, que se inserem mais ou menos nos grandes movimentos da história da arte (Crivelaro; Pinheiro, 2015, p. 98).

Nesse contexto, o homem se deparou com as novas necessidades que surgiam atreladas a consolidação da moradia, da casa. As capacidades técnicas de produção derivam de diferentes ferramentas e materiais para aprimorar sua produção,

a depender de necessidades pragmáticas, da organização da casa e de ambientes públicos.

Na perspectiva histórica dos povos, no período egípcio a partir do Médio Império surgiram escolas chamadas de Casas da Vida, no qual se encontravam crianças de 3 a 4 anos que já começavam a copiar frases; esse processo de ensino se desenvolvia até os 12 anos de idade (Paraizo, 2009, p. 29). Os escribas no período egípcio, profissionais que tinham a função de escrever textos e registrar números, não dispunham de mobiliário. Sentavam-se de pernas cruzadas no chão para exercer suas funções, a altura das pernas cruzadas tencionava seus saíotes de linho formando uma espécie de mesa entre suas pernas. Contudo, os que possuíam a função mais alta de chefia entre os escribas dispunham de uma banqueteta, como na imagem 12. Possivelmente, a partir de minhas pesquisas sobre o tema, esse pode ser um dos primeiro registro simbólico de uma cadeira escolar, pois fica ali associado o mobiliário e uma atividade laboral.

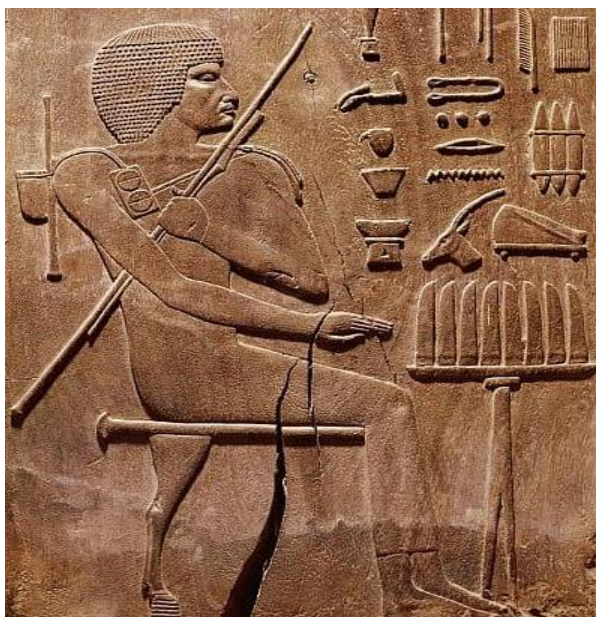


Imagem 10 - Chefe dos escribas Hesiré sentado. Fonte: Paraizo, 2009, p. 30

Em oposição aos egípcios, a presença do mobiliário era mais frequente em espaços da escola primária na educação grega, chamadas de Palestras - espaços simples compostos comumente por dois cômodos, sendo a sala de aula e a sala de espera voltada para os pedagogos. Sobre o mobiliário, era um simples assento de onde o mestre ensinava. Alguns tinham encosto, outros não. Já as crianças se sentavam no chão ou em pequenos bancos de madeira diante do mestre, mas também não utilizavam mesas para escrever, apenas tabuletas rígidas sobre as pernas apoiadas nos joelhos (Paraizo, 2009, p. 31).



Imagem 11 - “Cena de uma palestra ilustrada num vaso em cerâmica” Fonte: Paraizo, 2009, p. 30

As cadeiras possuem como objetivo central a funcionalidade e a ergonomia, mas com o decorrer da história foram refletindo os diversos contextos culturais e artísticos de sua época. A técnica é um fator influente sobre a estética, por conta da possibilidade de diferentes materiais, cores, texturas e formas, conforme na imagem

11 do povo grego, que possuem vestes diferentes, porém a materialidade da representação bidimensional com os rostos de lado e os bancos são semelhantes aos egípcios da imagem anterior. Cada mobiliário de cada época possui um modelo que representava a cultura do seu período, quase como uma documentação tridimensional, escultórica.

Porém, o mobiliário escolar contemporâneo como temos em nossa lembrança surge após a revolução industrial com o advento do ferro fundido e após a criação de políticas sobre patentes. Diversas cadeiras foram planejadas e apresentadas nas Exposições Universais como forma de propaganda desses mobiliários, os catálogos posteriormente eram enviados às escolas que faziam seus pedidos às empresas. O mobiliário escolar era desenvolvido a partir de estudos da época sobre a saúde da infância, partindo de pesquisas sobre higiene do corpo do cidadão escolarizado no final do século XIX. Segundo Alcântara (2016, p. 118), “Cada empresa exibia aqueles que considerava mais modernos, com emprego de novas técnicas e tecnologias, cujo design atendia aos padrões ergonômicos ditados pela Medicina, pela Pedagogia e pela Higiene”.

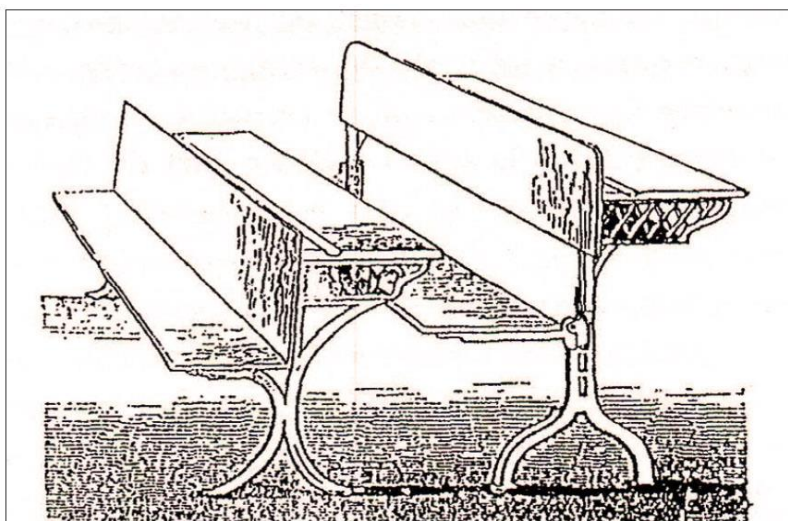


Imagem 12 - “Mesa-banco americano, 1867” Fonte: Alcântara, 2016, p. 120

A imagem acima foi um exemplo da indústria americana, que fez uma das primeiras cadeiras fabricadas com um sistema de cremalheira, possibilitando ajustes de acordo com a altura do estudante. Dispunha de uma base sólida de ferro fundido, com dois pés que se juntavam em uma coluna central. Na parte posterior abrigava um banco e, na posterior em um nível mais alto, estava a mesa que serviria de apoio aos alunos da fileira de trás. Apesar de um formato diferente das cadeiras atuais, já é possível observar relações entre ambas, que se desenvolveram com o decorrer do tempo até os dias atuais.

No Brasil, o mobiliário escolar surge na Primeira Exposição da Indústria Nacional de 1882, realizado na Corte Imperial. Dos diversos objetos expostos, foram apresentados dois bancos-cadeiras, móveis destinados a escolas compostos por uma mesa junta de um banco que servia também de encosto, possivelmente inspiradas no modelo americano da imagem 12. Foram produzidos pela fábrica Röhe & Irmãos e por detentos da Casa de Correção da Corte, iniciando a indústria de objetos escolares, momento esse que:

[...] se destaca a confluência entre o crescimento de uma indústria voltada à escola, a participação nas Exposições Universais como estratégia de divulgação de produtos e abertura de mercados internacionais, a elaboração de uma legislação escolar que prevê a obrigatoriedade do ensino e a atividade de sujeitos educacionais na criação e ou tradução/apropriação de objetos para uso escolar (Vidal apud Anjos, 2019, p. 37).

Esse primeiro evento foi seguido de diversos outros, sendo que o mobiliário no início era produzido por pequenas empresas que faziam peças de outras áreas e também bancos-cadeiras. Em 1827, chamada de Lei Geral estabeleceu a obrigatoriedade do ensino: “Art 1º Em todas as cidades, villas e logares mais populosos, haverão as escolas de primeiras letras que forem necessarias.” (Brasil, 1827, p. 71). Assim, a demanda cresceu exponencialmente e consolidou o mercado, que dispôs do Governo e de Escolas Privadas como seus principais clientes.

A partir da década de 70, foi iniciada uma pedagogia que reconhecia o direito dos alunos de fazerem trabalhos em grupos, visando uma maior mobilidade em sala de aula, “esta década é marcada, no âmbito federal pela sistematização e padronização de critérios para uma metodologia de projetos escolares” (Paraizo, 2009, p. 31). Posteriormente, foi criado, por iniciativa do MEC, o Centro Brasileiro de Construções e Equipamentos Escolares - CEBRACE, no ano de 1973. Dentre os programas criados, possuíam como propósito:

[...] fornecimento de dados, informações, análises, críticas e recomendações, com o intuito de otimizar os recursos de compra, fabricação, uso, manutenção e recuperação dos móveis da rede pública de ensino. Desta forma, esclarecendo e sistematizando o problema, pretende-se contribuir para a melhoria da qualidade da educação no país. (Brasil, 1999, p. 6)

Esse acontecimento possibilitou estudos sobre padrões de medidas para cadeira e mesa de aluno de diferentes faixas etárias, avaliação de qualidade do mobiliário escolar, métodos para averiguar resistência do mobiliário, critérios de licitação e aquisição, com o objetivo de padronizar a produção nacional.



Imagem 13 - “Cadeira escola estadual”. Fonte: Google Imagens  
<https://abrir.link/G5KGk>

A cadeira escolar como tenho em minha memória, como na imagem anterior, possui uma estrutura tubular e placa laminada de fórmica. A estrutura tubular é de fácil moldagem e razoavelmente leve, podendo criar diversas formas estruturais com o propósito de facilitar a aplicação de conceitos estéticos e de ergonomia. Já a utilização da fórmica em uma cor clara no tampo visa uma superfície de fácil limpeza, favorecendo o conforto visual do usuário (Paccola apud Paraizo, 2009, p. 30). Além disso, possui um porta materiais embaixo do tampo, confeccionado com grades cruzadas para evitar o acúmulo de sujeira. O planejamento do mobiliário leva em consideração linhas retas e superfícies limpas, correspondendo a uma estética contemporânea, voltados a ergonomia, higiene e saúde psicológica dos alunos.

A cadeira escolar é um objeto do bem público, e deve ser levada em consideração a relação qualidade/preço no seu processo de aquisição. Diferente dos bens domésticos, “este mobiliário requer um nível de qualidade técnica maior, pois seu uso é intenso e impessoal” (Brasil, 1999, p. 12).

Partindo dessa questão do bem público e do processo histórico de fabricação e aquisição do mobiliário pelo governo, pode-se considerar que países desenvolvidos defenderam a educação obrigatória com propósitos outros, por meio de um discurso que afirmava que essa era a única forma dos países em desenvolvimento emergirem economicamente. Sobre a mercantilização da educação, o local de destaque que o mobiliário obteve nas Exposições Universais:

[...] sinaliza que a escola ganhou a atenção não somente dos Estados, mas da indústria que viu nela um poderoso mercado consumidor. Daí, a quantidade de fábricas especializadas na produção de diferentes modelos de carteira. (Alcântara, 2016, p. 134)

Nessa direção, para além do interesse dos países desenvolvidos, o Estado brasileiro também utilizou da relação complexa entre economia e educação visando objetivos comerciais, surgindo diversas fábricas especializadas na produção de

mobiliário escolar em território nacional, enquanto a educação mantinha fragilidades e prioridades distintas dessa relação. Assim, expõe-se a problemática do interesse capitalista por trás do digno incentivo à oferta de uma educação obrigatória, sendo a cadeira escolar um símbolo dessa ambiguidade entre capitalismo e o sistema educacional.

Essa problemática apresentada neste capítulo, tem o intuito de aprofundar a compreensão sobre a complexidade histórica do mobiliário escolar e, assim, trazer outros elementos para refletir sobre a produção de artistas que, como eu, pesquisam a cadeira escolar, a partir de questões políticas, econômicas, sociais e educacionais, conforme apresentadas a seguir.



## INVENTÁRIO DE CADEIRA ESCOLAR OU ME LEMBREI DE VOCÊ

A partir das questões que permeiam o meu processo artístico e de minha primeira lembrança em sala de aula e a cadeira escolar, surge o desejo de pesquisar outras perspectivas sobre o objeto. Situações em que abordem o mobiliário escolar na tentativa de inventariar obras com essa determinada temática, no intuito de tentar compreender a influência do ambiente escolar para além da minha pesquisa artística.

A ideia do inventário surge a partir das redes sociais, ambiente virtual em que faço a divulgação da minha produção e mantenho contato com outros artistas, curadores e colecionadores, sendo essa uma das únicas formas de manter contato com o circuito artístico morando em uma cidade pequena distante das grandes capitais. Nesse sentido, por conta de produzir obras muito características a partir do mobiliário acadêmico, as pessoas por diversas vezes me enviaram fotos de obras que retratavam uma cadeira escolar que viram em museus, em galerias, em feiras de arte nacionais e internacionais, em sites ou artigos que estavam lendo, encaminhando através do *Instagram* junto a frase; “Me lembrei de você”.

A partir desses envios, fui notando e anotando as referências. Diversos amigos que acompanho começaram a indicar mais e mais obras, marcando o início de uma pesquisa mais aprofundada sobre obras com essa temática, resultando no presente inventário.

Na tentativa de compreensão deste conceito, a artista Helene Sacco (2014, p. 144), em sua tese, recorre aos dicionários que definem a palavra “inventário” como:

relação dos bens deixados por alguém que morreu, o documento ou papel em que se acham relacionados tais bens, lista discriminada, registro, relação, rol de mercadorias e bens. Dessa forma, o conceito de inventário tenta entrar “[...] em contato com a memória material das coisas. Compreendo também que muitas delas são o elo de histórias esquecidas, represadas, arquivadas, para o bem ou para o mal.” (Sacco, 2014, p. 145). Os objetos assim despertam essas memórias esquecidas, recriadas e lembradas, sendo o inventário uma forma de registrar o mundo, em uma relação entre o inventário e a invenção.

Essa fixação pela imagem da cadeira escolar robustece o desejo da compreensão total de suas diversas possibilidades estéticas e conceituais, em um desejo que já nasce condenado ao fracasso por conta das infinitas variáveis desse objeto, desse objetomundo. Entretanto, faço um recorte parcial das obras que encontrei com o decorrer da pesquisa, com produções que me tocaram e possuem relação com o tema, totalizando até a presente escrita 46 obras, podendo ser divididas e classificadas de diversas formas. Sendo a arte:

[...] construída ao longo do processo, à medida que a obra vai ganhando materialidade com modos de funcionamento próprios. Esse processo de construção de verdades revela-se, assim, como um percurso sensível de criação de uma realidade transformadora, que tem o poder de aumentar a compreensão do mundo. (Salles, 2007, p.141).

A partir dessa compreensão do mundo, começamos pelo início, reconhecendo o artista e professor Bruno Novaes como uma de minhas primeiras inspirações para explorar em múltiplas linguagens o mobiliário acadêmico, por meio de aquarelas até a utilização de objetos em instalações como na obra “O professor deverá ser o último a se retirar, mesmo nos dias de chuva”.

Ademais, vários outros artistas brasileiros também pesquisam diretamente essa temática, como a artista Andrea Hygino, do Rio de Janeiro. Sua obra “Saída de emergência” suscita uma relação direta com a obra “It’s About Time” do artista

Maarten Baas, e o artista Alisson Damasceno, de Minas Gerais, que representa a ideia de paisagem por meio de plantas, possibilitando uma relação com a obra “Suspensão”, do artista Júlio Vieira.

A pesquisa sobre o tema dos secundaristas nas ocupações das escolas está presente na instalação sonora silenciosa “Da Escuta da Matéria aos Escombros do Ser”, do artista Marcelo Armani. Na produção “Quando secundarista é sinônimo de heroína”, da artista Marcela Cantuária, e da obra “R = 0 (Homenagem aos secundaristas)”, da artista Cinthia Marcelle em sua exposição no MASP. A obra mais antiga do inventário é “The Scholar” de 1874, feita pelo artista François Bonvin, pintura clássica também representada pela obra “A Breton Infants School” de 1882 do artista Jean-Baptiste Jules Trayer.

Dentre as muitas linguagens, a performance é representada pela obra “The examination” do artista Charles Ray e na obra “Napping” da artista Hongxi Li, que possui relação com a obra “Interdição Educação” do artista Luciano Zanette, que também trabalha questões de disciplina. A linguagem da fotografia abriga a obra “Contraturno”, do artista Bruno Novaes; “The Chair Affair”, do designer Lucas Maassen e da artista visual Margriet Craens; “Currículo Nacional Base”, do artista Andrés Asturias; “Sala de aula”, do artista Eduardo Srur; “Nazareno 2”, do artista Nazareno Rodrigues; “Work Chair”, do artista Theaster Gates; e a obra sem título do artista Philippe Soussan.

A fotografia a partir de alunos em sala de aula está presente na pesquisa “Classroom Portraits”, de Julian Germain, que fotografou diversas salas de aula pelo mundo e nas fotos surrealistas “La salle de classe”, do artista Hicham Benohoud, do Marrocos - surrealismo presente também na pintura “La légende des siècles”, de René Magritte. A sala de aula representada por meio da pintura contemporânea se mostra na obra “The Lecture”, do artista americano Jacob Lawrence; na obra “Who

knows the answer?”, do artista Bernie Fuchs; na obra “Holiday Unity”, do artista sul-africano Feni Chulumanco; e na obra “Student”, do artista James Jean que já produziu pôsteres de diversos filmes como “Mãe” (2017), “A forma da água” (2017), “Pinóquio” (2022), “Tudo em todo lugar ao mesmo tempo” (2022) e “A baleia” (2022), sendo um exemplo significativo da relação entre arte e mercado.

As obras que abordam diretamente o tema da sexualidade são “Cigarette Tits [Idealized Smokers Chest II]”, da artista feminista Sarah Lucas; e “The Chair Affair”, de Lucas Maassen e Margriet Craens. A obra “Muebles de mala educación”, do artista Humberto Junca, retrata figuras políticas da Colômbia, tema que aborda o estado e a violência também presentes na obra “Prótese”, do artista Jefferson Medeiros, do Rio de Janeiro. Ao pensar em cadeiras, surge a figura antológica da artista Doris Salcedo, representada no presente inventário pela obra “Lot 522”, que possui relação com a materialidade da obra “Parla”, de Cildo Meireles, e a obra “De acordo”, de Nazareno Rodrigues. As esculturas em madeira são “Saída de emergência”, da Andrea Hygino; obras “Navient” e a instalação “Brier Patch”, do artista Hugh Hayden; obra sem título do artista conceitual Tom Friedman; obra “O descanso da sala”, do artista José Spaniol; e a obra “Geminis” do artista Paulo Bruscky, que produziu a performance “O que é a arte e para que serve?”.

O inventário também abriga a instalação “Disinformation Supremacy Board”, do artista Gary Simmons, a instalação “The Chair Affair”, do artista Roeland Tweelinckx, instalação chamada “O professor deverá ser o último a se retirar, mesmo nos dias de chuva” de Bruno Novaes, a instalação sobre a água no Parque Ibirapuera chamada “Auditório para questões delicadas”, de Guto Lacaz; o desenho “ENTRE AS BEIRAS DA ESCOLA IV” da artista Juliana Veloso, a escultura “No meu céu ainda brilham estrelas” do artista Flávio Cerqueira e a escultura de giz “Origem”, do artista Renato Gosling.

A partir dessas considerações como forma de tentar agrupar por temas, técnicas, materiais ou linguagens as produções pesquisadas, apresento a seguir as obras do inventário:



Imagem 14 - "O professor deverá ser o último a se retirar, mesmo nos dias de chuva", Bruno Novaes, acompanhamento crítico Mirtes Marins Oliveira. SP (2019). Fonte: Site do artista <https://abrir.link/qRKDR>



Imagem 15 - "Modelo vivo", Bruno Novaes, curadoria Érica Burini. Espaço Marco do Valle, Campinas, SP (2022)  
Fonte: Site do artista <https://www.brunonovaes.com/modelovivo>



Imagem 16 - "Contraturno", Bruno Novaes. 2020. Fonte: Site do artista <https://www.brunonovaes.com/contraturno>



Imagem 17 - "Saída de emergência", Andrea Hygino, exposição "Cadeiraço" texto de Tiago Sant'ana. Galeria Superfície, SP (2021). Fonte: Site Galeria Superfície <https://abrir.link/MFCZK>



Imagem 18 - "Saída de emergência", Andrea Hygino, exposição "Cadeiraço", texto de Tiago Sant'ana. Galeria Superfície, SP (2021). Fonte: Site Galeria Superfície <https://abrir.link/MFCZK>



Imagem 19 - "It's About Time", Maarten Baas. Voorlinden Museum, Holanda (2023). Fonte: Site do artista <https://maartenbaas.com/collections/museum-voorlinden-x-maarten-baas>



Imagem 20 - Sem título, Alisson Damasceno, exposição “Eu ainda acredito”, curadoria Laura Barbi. Gal Galeria, BH (2023). Fonte: Site Gal Galeria <https://gal.art.br/produto/sem-titulo-491/>



Imagem 21 - “Suspensão”, Júlio Vieira. OMA Galeria, SP (2021). Fonte: Site OMA Galeria <https://omagaleria.com/Julio-Vieira>



Imagem 22 - "Navient", Hugh Hayden. (2021). Fonte: Site Artsy <https://www.artsy.net/artwork/hugh-hayden-navient>



Imagem 23 - "Brier Patch", Hugh Hayden. Madison Square Park, Nova York (2022). Fonte: Site Artsy <https://abrir.link/3epoR>



Imagem 24 - "Interdição Educação", Luciano Zanette, exposição individual "NECROCOLÔNIA 2016-2019", curadoria de Thais Rivitti. Verve Galeria, SP (2019) Fonte: Site da Verve Galeria <https://www.vervegaleria.com/exposicoes/necrocolonia-2016-2019/>



Imagem 25 - "Napping", Hongxi Li, projeto artístico "School Chair". Londres (2022) Fonte: Instagram da artista <https://abrir.link/qEHIF>



Imagem 26 - "Cigarette Tits [Idealized Smokers Chest II]", Sarah Lucas. Tate Modern, Londres (1999). Fonte: Site do Tate Modern <https://abrir.link/pLvGV>



Imagem 27 - "The Chair Affair", Lucas Maassen e Margriet Craens. (2015). Fonte: Site Yellow Trace <https://www.yellowtrace.com.au/the-chair-affair-lucas-maassen-margriet-craens/>



Imagem 28 - “R = 0 (Homenagem aos secundaristas)”, Cinthia Marcelle, exposição “Por via das dúvidas”, curadoria Isabella Rjeille. MASP, SP (2023). Fonte: Site do MASP <https://abrir.link/vQ1kW>



Imagem 29 - “Quando secundarista é sinônimo de heroína”, Marcela Cantuária, projeto Matria Livre, curadoria de Clarissa Diniz. Rio de Janeiro (2018). Fonte: Site da artista <https://abrir.link/E18Nn>



Imagem 30 - "Muebles de mala educación", Humberto Junca. Bogotá (2012-2014). Fonte: Site do artista <http://humbertojunca.com/portfolio/muebles-de-mala-educacion/>



Imagem 31 - "Prótese", Jefferson Medeiros. Rio de Janeiro (2018). Fonte: Site Arte Versa <https://abrir.link/8eXeK>



Imagem 32 - “Currículo Nacional Base”, Andrés Asturias. La Galería Rebelde, Guatemala (2023). Fonte: Site Galeria Rebelde <https://www.galeriarebeldegt.com/andres-asturias>



Imagem 33 - “Sala de aula”, Eduardo Srur. Escola Municipal Fernão Dias Paes, SP (2013). Fonte: Site do artista <https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/sala-de-aula>



Imagem 34 - Sem título, Tom Friedman, Exposição "The Complexity of the Simple". L & M Arts, NY (1992). Fonte: Site NY Times <https://www.nytimes.com/2008/01/05/arts/design/05mini.html>

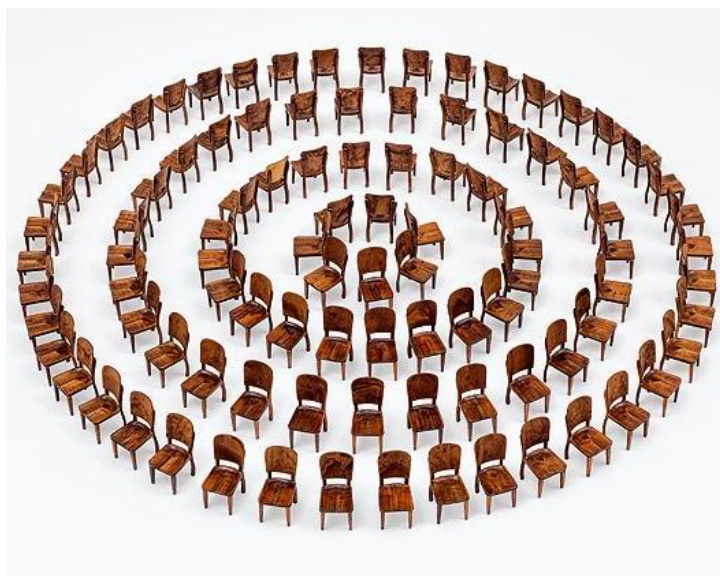


Imagem 35 - "Nazareno 2", Nazareno Rodrigues. (2014). Fonte: Site Galeria Livia Doblas <https://www.galerialiviadoblas.com.br/nazareno-2/>



Imagem 36 - “Geminis” (1994), Paulo Bruscky, exposição “Educação pela pedra”, curadoria de Moacir dos Anjos. Museu Paranaense, PR (2021). Fonte: Acesso <https://abrir.link/3Efe3>



Imagem 37 - “O descanso da sala”, José Spaniol. (2006). Fonte: Site do artista <https://www.jspaniol.com/>



Imagem 38 - "No meu céu ainda brilham estrelas", Flávio Cerqueira. Galeria Leme, SP (2023). Fonte: Site SP-Arte <https://www.sp-arte.com/obras/9148/>

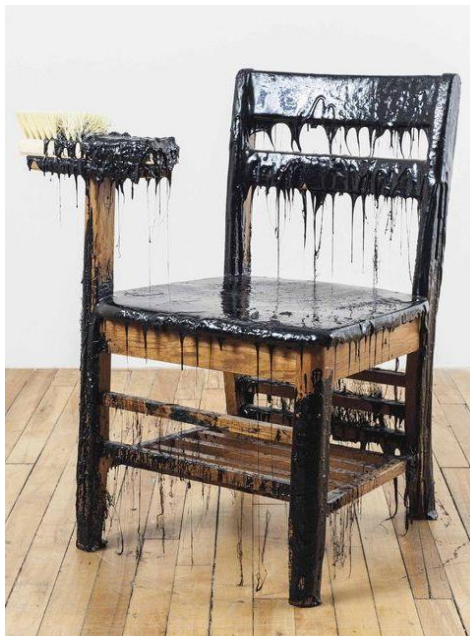


Imagem 39 - "Work Chair", Theaster Gates. (1973). Fonte: Site Chisties <https://www.christies.com/lot/lot-theaster-gates-b-1973-work-chair-5680376/>



Imagem 40 - Sem título, Philippe Soussan. Fonte: Site Gallery Lebonson  
<https://www.lebensongallery.com/collections/philippe-soussan/artist>



Imagem 41 - "The examination", Charles Ray, série "In memory of sadat". (1984). Fonte: Site do artista  
<https://www.charlesraysculpture.com/collections/the-examination/info>



Imagem 42 - "The Lecture" (1946), Jacob Lawrence. Doação do Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP (1963). Fonte: Site MAC USP <https://abrir.link/9vB5F>



Imagem 43 - "Who knows the answer?", Bernie Fuchs. Estados Unidos. Fonte: Site Swann Gallery <https://abrir.link/u1xgo>

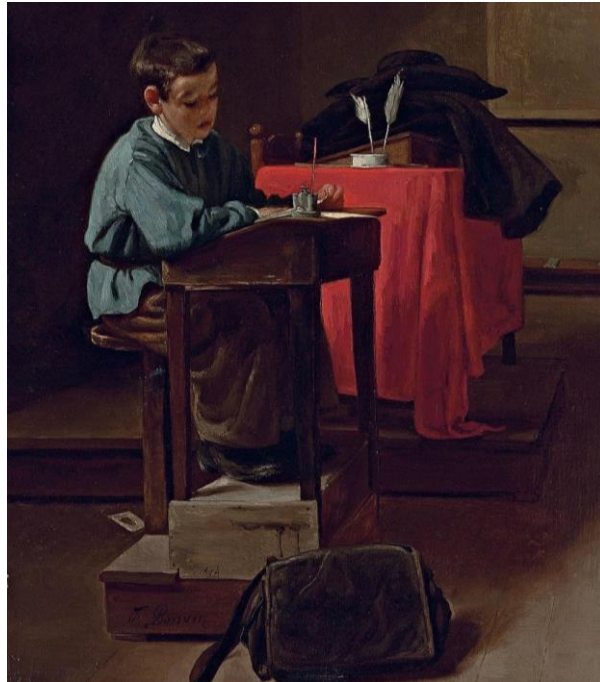


Imagem 44 - "The Scholar", François Bonvin. (1874). Fonte: Site The Eclectic Light Company <https://eclecticlight.co/2021/08/08/blur-in-paintings-2-depth-and-movement/>



Imagem 45 - "A Breton Infants School", Jean-Baptiste Jules Trayer. (1882). Fonte: Site The Eclectic Light Company <https://eclecticlight.co/2021/08/08/blur-in-paintings-2-depth-and-movement/>



Imagem 46 - "Classroom Portraits", Julian Germain. Sala de aula em Belo Horizonte, BH (2004-2012). Fonte: Site Arte Versa <https://www.ufrgs.br/artevera/julian-germain-sala-de-aula-retratos-do-mundo/>



Imagem 47 - "La salle de classe" (1994 - 2002), Hicham Benhoud, exposição "really useful knowledge". Loft Art Gallery, Marrocos (2014). Fonte: Site Loft Art Gallery <https://abrir.link/mMaBL>



Imagem 48 - "De acordo", Nazareno Rodrigues. Galeria Lume, SP (2023). Fonte: Site Galeria Lume <https://galerialume.com/exposicao/nazareno-exposicao/>



Imagem 49 - "Parla", Cildo Meireles. Coleção Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, SP (1982). Fonte: Site Enciclopédia Itaú Cultural <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra6309/parla>



Imagem 50 - "Da Escuta da Matéria aos Escombros do Ser", Marcelo Armani, exposição "10ª Bienal do Mercosul". Porto Alegre, RS (2015). Fonte: Site do artista <https://abrir.link/Qr8kk>



Imagem 51 - "Lot 522", Doris Salcedo. (1992). Fonte: Site Artsy <https://www.artsy.net/artwork/doris-salcedo-untitled-5>

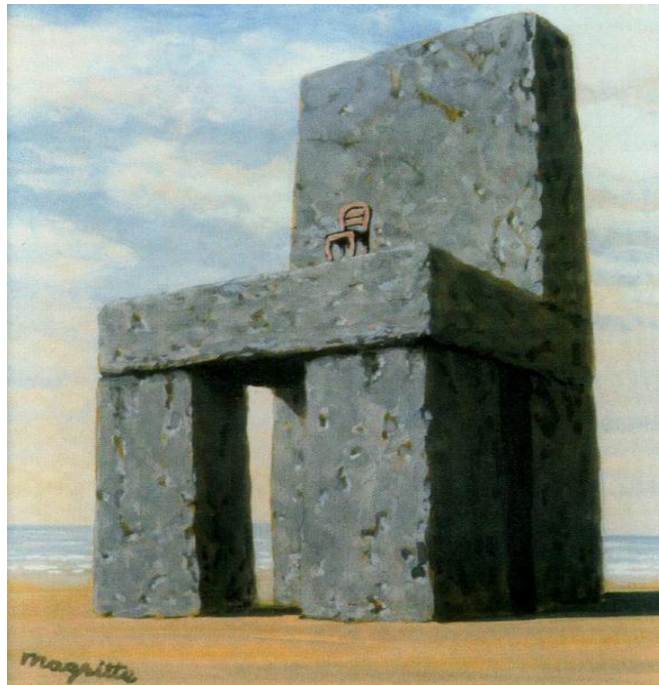


Imagem 52 - "La légende des siècles", René Magritte. Scottish National Gallery Of Modern Art, Edimburgo (1950).  
Fonte: Site National Galleries <https://abrir.link/bkU5E>



Imagem 53 - "The Chair Affair", Roeland Tweelinck, exposição "ALLO, ALLO JUST QUIST". Barbé Gallery, Bélgica (2019). Fonte: Site Barbé Gallery <https://barbegallery.be/allo-allo>



Imagem 54 - "Holiday Unity", Feni Chulumanco. África do Sul (2021). Fonte: Site Artsy  
<https://www.artsy.net/artwork/feni-chulumanco-holiday-unity>



Imagem 55 - "Student", James Jean (2023). Fonte: *Instagram* do artista  
[https://www.instagram.com/p/CxvTE5lrXQm/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CxvTE5lrXQm/?img_index=1)



Imagem 56 - “ENTRE AS BEIRAS DA ESCOLA IV” (2019), Juliana Veloso, projeto “Ocupação – (re) inventar a escola”. Espaço Força e Luz, RS (2023). Fonte: Site Arte Versa <https://abrir.link/lksqP>



Imagem 57 - “Disinformation Supremacy Board” (1989), Gary Simmons, exposição “Gary Simmons: Public Enemy”, curadoria de René Morales e Jadine Collingwood. Museum of Contemporary Art Chicago, EUA (2023).  
Fonte: Site CNN <https://abrir.link/k7097>



Imagem 58 - "Origem", Renato Gosling (2023). Fonte: Instagram do artista [https://www.instagram.com/renatogoslingartist/?hl=pt&img\\_index=2](https://www.instagram.com/renatogoslingartist/?hl=pt&img_index=2)



Imagem 59 - "Auditório para questões delicadas", Guto Lacaz. Parque do Ibirapuera, São Paulo (1989). Fonte: Site <https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/18.195/6893>



## **PROJETO DE CURSO OU QUAL A SUA CADEIRA ESCOLAR?**

### **1. TÍTULO**

“QUAL A SUA CADEIRA ESCOLAR?”

### **2. EMENTA:**

A cadeira escolar como temática de produções artísticas. Reflexões sobre processos artísticos e o contexto escolar, a partir de trabalhos de artistas. Criação de produções autorais individuais e coletivas desenvolvidas pelos estudantes.

### **3. CARGA HORÁRIA:**

Carga horária total de 04 horas, divididas em dois encontros de 02h cada.

### **4. PÚBLICO-ALVO:**

Estudantes do 2º Ano do Ensino Médio da escola E.E.B. Normélio Cunha.

## **5. NÚMERO DE VAGAS:**

Total de 24 estudantes.

## **6. OBJETIVOS:**

### **6.1 Geral:**

Apresentar produções artísticas que abordam a temática da cadeira escolar, em diferentes formas e linguagens, propondo diálogos com o contexto escolar e a criação de produções autorais individuais e coletivas desenvolvidas pelos estudantes.

### **6.2 Específicos:**

Possibilitar a ampliação do repertório artístico-cultural dos estudantes;

Estabelecer diálogos entre as obras de arte e a realidade dos contextos em que os estudantes estão inseridos;

Apropriar a performance como meio de criação e reflexão;

Estimular a criatividade e a imaginação através do registro por meio do desenho.

Socializar, refletir e dialogar sobre produções artísticas desenvolvidas pelos próprios estudantes;

Incentivar o protagonismo de maneira crítica no ensino médio.

## 7. JUSTIFICATIVA:

O presente projeto de curso é uma dinâmica chamada “QUAL A SUA CADEIRA ESCOLAR?”. Possui como público-alvo os 24 alunos do 2º Ano do Ensino Médio da escola E.E.B. Normélio Cunha. Parte da pesquisa realizada para o **inventário** das cadeiras escolares, no qual registra diversos artistas de diversos contextos que utilizam a imagem da cadeira escolar em suas produções. Seria interessante assim, o compartilhamento dessas obras com os estudantes, no sentido de demonstrar aos discentes que a arte está em sua rotina, no seu convívio mais próximo, no dia a dia, sendo o inventário uma forma de registro de mundo, relacionando inventário e invenção.

A dinâmica possui como objetivo expandir o repertório imagético e a sociabilidade entre os estudantes por meio da apresentação de sua obra escolhida, compreendendo e compartilhando pensamentos sobre a arte, observando e refletindo sobre os objetos que podem gerar uma pesquisa artística ou até mesmo, como no presente plano de aula, gerar uma produção artística. Sobre a potência da criação no ambiente escolar, a arte surge como forma de criar sentidos para interpretar o cotidiano, apresentar formas de superar o comum e desenvolver ideias sobre o convívio social. Possibilitando a criação ao já posto, de ultrapassar a realidade e abrindo possibilidades criadoras para a imaginação, alterando e compreendendo de outra maneira a realidade que nos cerca (Pereira, 2016, p. 5-6).

Assim, é de fundamental importância a disciplina de Arte no Ensino Médio, momento de uma compreensão e desenvolvimento crítico maior dos discentes, sendo a arte uma ferramenta de protagonismo para compreenderem questões da realidade em que vivem.

Após a apresentação dos alunos sobre o **inventário**, os estudantes produzirão uma instalação coletiva a partir da obra "Modelo vivo", do professor e artista Bruno Novaes, que consiste no empilhamento da serralheria de duas cadeiras escolares, e a composição na parede de quatro desenhos de giz sobre parte de cadeira escolar representando os lados da instalação. Essa obra foi escolhida dentre as várias do **inventário** por conta da possibilidade de trabalhar questões diferentes com os estudantes, como a instalação e a representação de um objeto tridimensional, viabilizando processos tanto coletivos como individuais e a reflexão sobre o mobiliário escolar, desenvolvendo noções estéticas e de relação com os outros colegas. Sobre a visão crítica:

[...] contribui para o desenvolvimento da autonomia criativa e expressiva dos estudantes, por meio da conexão entre racionalidade, sensibilidade, intuição e ludicidade. Ela é, também, propulsora da ampliação do conhecimento do sujeito relacionado a si, ao outro e ao mundo. É na aprendizagem, na pesquisa e no fazer artístico que as percepções e compreensões do mundo se ampliam no âmbito da sensibilidade e se interconectam, em uma perspectiva poética em relação à vida, que permite aos sujeitos estar abertos às percepções e experiências, mediante a capacidade de imaginar e ressignificar os cotidianos e rotinas. (Brasil, 2018, p. 474).

Dessa forma, os estudantes vão colocar a “mão na massa” nas quatro horas divididas em dois encontros para o desenvolvimento da dinâmica, que parte de questões de seu cotidiano escolar para propor reflexões, utilizando obras das cadeiras escolas do **inventário** para expor aos alunos que vários objetos do seu cotidiano podem virar um processo artístico gerando uma produção artística criativa associada à reflexão aos discentes.

## 8. METODOLOGIA E CRONOGRAMA:

*1º Encontro - aula faixa: Terça-feira (14:00 horas até 15:30 horas)*

No primeiro momento será solicitado que os alunos se sentem em círculo com as cadeiras, deixando apenas quatro mesas dentro desse círculo. Serão dispostas sobre as mesas várias folhas tamanho A4, com a impressão das diversas produções artísticas que utilizam cadeiras escolares presentes no **inventário**. Assim, os estudantes devem escolher a obra que mais chamou sua atenção.

No segundo momento, os alunos terão tempo para conversas com os colegas próximos sobre a obra escolhida, sentir e refletir sobre produção e depois apresentar a turma. Para demonstrar um possível exemplo de apresentação, vou começar falando do motivo porque escolhi determinada obra, descrevendo da produção, pensando sobre o nome da obra, o artista, o ano da produção. Se é obra antiga ou recente, se é artista homem ou mulher, se participou de alguma exposição, de que país é, se é uma pintura, qual a tinta utilizada? Se é aquarela, a óleo ou acrílica, se é um desenho, uma fotografia, uma instalação, uma performance, entre outras questões. A apresentação vai continuar em círculo até que todos apresentem à turma sua obra e o que refletiu sobre a produção. Os estudantes vão ficar com as obras e trazerem na próxima aula para continuar a dinâmica.

*2º Encontro - aula faixa: Terça-feira (14:00 horas até 15:30 horas)*

No segundo encontro, será novamente feito o círculo em sala de aula com as cadeiras e será apresentada a obra "Trabalho em dupla", do artista Bruno Novaes, exposta no Espaço Marco do Valle com curadoria de Érica Burini, em Campinas - SP,

e também está presente no **inventário**. Após isso, solicita-se que os estudantes, assim como o artista Bruno Novaes fez no momento processo artístico da sua obra, produzam uma instalação a partir das cadeiras escolares. Assim, dispendo-as no centro do círculo, colocando-as empilhadas da forma que acharem esteticamente mais potente, cada aluno deve acrescentar uma cadeira ou mudar de lugar alguma que já está disposta na obra, mas sempre com cuidado para as cadeiras não caírem e machucarem algum colega.

No quarto e último momento, a partir da participação dos alunos e de estarem satisfeitos esteticamente com a instalação, os alunos sentados em círculo por volta da produção terão de observar e retratar com grafite sobre papel A4 o ângulo da instalação que veem de onde estão sentados. Como uma forma de registro da performance, registrando de forma individual o resultado da obra coletiva, da perspectiva que veem. A instalação e os desenhos devem ser fotografados ao final como forma de registro da dinâmica.

<b>ENCONTROS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>	<b>Desenvolvimento - ações do professor</b>
10/10/2023 Terça-feira vespertino	14:00 horas até 15:30 horas	Formação de um círculo em sala de aula. Disposição das obras presentes no <b>inventário</b> das cadeiras escolares. Apresentação individual da obra que cada aluno escolheu.
17/10/2023 Terça-feira vespertino	14:00 horas até 15:30 horas	Formação novamente do círculo em sala de aula. Dinâmica da produção de uma instalação coletiva a partir das cadeiras escolares. Registro individual dessa instalação por meio de desenho.

## **9. INFRAESTRUTURA E MATERIAIS NECESSÁRIOS:**

É necessário uma sala de aula ampla com cadeiras, que possibilite a criação de um círculo incluindo todos os alunos. Os materiais são: Folha A4 com as obras impressas em boa qualidade, folha branca A4, lápis de cor e lápis grafite.



## CONCLUSÃO OU MORRERIA SIMBOLICAMENTE

Em síntese, a estrutura tubular e de placas fórmicas estruturaram a presente pesquisa, sendo que os textos de Freire me ajudaram com a insegurança e desconhecimento sobre a pedagogia, e a escritora Clarice, ajudou em meu processo artístico, que aflora de uma forma crua e sincera, na trajetória de um jovem artista em formação.

Por utilizar o método da Cartografia, a pesquisa foi ganhando forma no recolhimento e análise de informações, no qual descobri várias novas questões de que não tinha conhecimento no início, como o conceito da memória coletiva e as imagens das primeiras representações históricas de um mobiliário voltado ao ensino.

As aquarelas de cadeiras escolares não foram feitas para a ilustração da presente monografia, as tomo de forma intuitiva em meu processo artístico e posteriormente são parte de uma pesquisa que vem se desenvolvendo junto a minha formação na ocasião universitária, passando a pesquisar objetivamente o assunto, enquanto sigo com minhas produções sobre essa temática. Observo claramente a influência da minha vivência no ambiente da escola pública em minhas produções artísticas, tanto de forma direta por meio da imagem figurativa representada nas cadeiras escolares quanto simbolicamente por meio do conceito de objeto e memória tratados na monografia.

Ademais, a pesquisa e criação de um inventário para registrar outras obras que também abordem a cadeira escolar acrescentou outros pontos de vista à pesquisa,

no sentido de sair da minha pesquisa individual e tentar compreender demais abordagens sobre a temática. Chego à conclusão que o ambiente escolar não apenas influencia minha produção, mas se expande e influencia vários artistas, que posteriormente também influenciam diversas pessoas por meio de suas obras, provocando reflexões no espectador que entra em contato com a produção, sendo a escola um ambiente matriz e motriz da sociedade, muitas vezes das primeiras memórias - boas e ruins.

Nesse contexto, é de grande relevância apresentar o conteúdo do inventário nas salas de aula e ampliar seu repertório artístico-cultural, uma vez que vários discentes não possuem acesso a museus e demais instituições culturais. Assim, contextualiza-se aos estudantes assim a obra de arte como algo do cotidiano em que estão inseridos, da sua rotina, a partir de objetos simples que tenham relação para com os discentes, da sua realidade, gerando protagonismo de maneira crítica sobre a arte e os processos artísticos.

Nesse ambiente, a cadeira que temos em nossa memória abre um túnel histórico que conecta o presente à revolução industrial, que por meio do advento do ferro fundido, diversos modelos foram produzidos e expostos em Exposições Universais até a cadeira contemporânea de estrutura tubular e placas laminadas de fórmica surgir. História essa, mergulhada na mercantilização da educação por parte de governos e interesses capitalistas dos donos das fábricas, que problematiza e dá complexidade à compreensão das produções artísticas que retratam o mobiliário escolar. Uma possível continuação e aprofundamento futuro para pesquisar, seria conceituar a ideia de objeto público, sendo possível também uma expansão das obras do inventário, somados a uma pesquisa mais aprofundada sobre cada obra junto à biografia do artista.

Por fim, a cadeira escolar em meu processo artístico, representa a busca incessante por essas memórias, despertadas por meio dos objetos, da cadeira de escola pública, do objetomundo. Sobre essa busca:

Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse sempre a novidade que é escrever, eu morreria simbolicamente todos os dias. (Lispector, 2020, p.18)

Vou ao encontro com a autora. Se não fosse sempre a novidade que é pintar, eu morreria simbolicamente todos os dias. Assim, envolto nessa necessidade de produção, do começo, ao meio e até o fim – da memória ao processo artístico e até a produção, o presente trabalho surge como uma necessidade de registrar esses quatro anos de estudos para a graduação, somados às experiências do chão da escola, como eterno aluno e futuro professor. Pode também ser vista como um agradecimento, uma gratidão ao sistema de ensino público brasileiro, que apesar de ser uma estátua de argila em ruínas, sempre foi muito generoso comigo.



## REFERÊNCIA OU A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Para uma história da protoindústria escolar no Brasil Império: a fábrica Röhe & Irmãos e seus bancos-carteira (1868-1883). **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 76, p. 71-94, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.67777>

ALCÂNTARA, Wiara. A transnacionalização de objetos escolares no fim do século XIX. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 115-159, ago. 2016. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672016v24n0204>.

BARROS, Manoel. Retrato do artista quando coisa. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002b.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 14.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRASIL. Karl Heinz Bergmiller. Fundescola - Mec (org.). **Ensino fundamental: mobiliário escolar**. 3. ed. Brasília: Série Cadernos Técnicos, 1999. 67 p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000574.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Dom Pedro. Câmara dos Deputados (org.). **LEI DE 15 DE OUTUBRO DE 1827**. 1827. Disponível em: [https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei\\_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html). Acesso em: 10 out. 2023.

CRIVELARO, Marcos; PINHEIRO, Antonio Carlos da Fonseca Bragança. **História e Desenvolvimento do Mobiliário**. 1. Ed. São Paulo: Érica, 2015.

ESTEBAN, Maria Paz Sandín. Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições. Porto Alegre: AMGH, 2010

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. - 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Outros escritos**. Organização de Tereza Montero e Lícia Manzo. – 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

PARAIZO, Claudia Borges e Souza. **A Influência do Uso de Computadores na Escola no Desenvolvimento da Criança com Bases em Estudos Ergonômicos**. 2019. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Design, Puc–Rio, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/15787/15787\\_4.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/15787/15787_4.PDF). Acesso em: 10 ago. 2023.

PEREIRA, Kátia Helena. **Como usar Artes Visuais em sala de aula**, 2ed., /4ª reimpressão, São Paulo, Contexto,2016.

ROCHA, Michel Zózimo da. O professor e o mágico são o artista (The teacher and the magician are the artist). **Revista Apotheke**, Santa Catarina, v. 2, n. 2, p. 92-102, 31 ago. 2016. Universidade do Estado de Santa Catarina. <http://dx.doi.org/10.5965/2447267222016092>. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/8501/5808>. Acesso em: 03 ago. 2023.

SACCO, Helene Gomes. **A (RE)FÁBRICA**: um lugar inventado entre a objetividade das coisas e a sutil materialidade do desenho e da palavra. 2014. 376 f. Tese (Doutorado) - Curso de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 3ª ed. São Paulo: FAPESP, Annablume, 2007. 168p.

SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Severino Ramos Lima de; FRANCISCO, Ana Lúcia. O Método da Cartografia em Pesquisa Qualitativa: Estabelecendo Princípios... Desenhando Caminhos...: estabelecendo princípios... desenhando caminhos.... **Atas: Investigação Qualitativa em Saúde**, [s. l], v. 2, n. 5, p. 811-820, maio 2016. Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/826/812>. Acesso em: 05 jul. 2023.

SCHWARCZ, L. M.; VAREJÃO, A. **Pérola imperfeita: a história e as histórias na obra de Adriana Varejão**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.

TOURINHO, Irene; COSTA, Gisele. Como e porque investigar o livro didático para o ensino de artes visuais. **Visualidades**, Goiás, v. 6, n. 12, p. 204-212, 18 abr. 2012. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/vis.v6i1ei2.18084>.

facão, tainha, filtro de barro, casa, bandeira do brasil, vela, jabuticabeira, caranguejo, apontador, cesto de coletar marisco, amendoeira-da-praia, gato, renda de bilro, ovo de tubarão, cobra-coral, régua de madeira, coluna de niemeyer, oliveira, são jorge, azulejo português, pitanga, tesoura de cabeleireira, mastro, anzol, louva-a-deus, rio araranguá, sala de aula ampla com cadeiras, carta, estrela-do-mar, pé de chorão, são sebastião, tijolo, Céu, mapa, papagaio, placa de fórmica, cadeira de praia azul, bananeira, flecha, jaca, avião, chave, comigo-ninguém-pode, algodão, avião, escada, óculos, casa de joãode-barro, espada-de-são-jorge, bicicleta, estrelícia, jibóia, janela, Flora, beija-flor, sangue, viga de ferro, carteira, encosto, livro, cadeira de escola pública, manta azul, tesoura vermelha, ponteira, estátua de argila, estilete, navalha do apontador de lápis, dente de leite, orelha esquerda, bebedouro de plástico para colibri, papel pólen, chumbada, caneta esferográfica preta, origami de papel, lista de compras, borracha, canoa, bagre, pardal, mesa de madeira, parafuso auto atarraxante, pilha de livros, manteiga de cacau, língua presa, estrutura tubular, corretivo branco, fita, abelhas, meia-haste, feijão, maçã, terra, sempre foi muito generoso comigo.....